

UMA HISTORIA DE UMA REVISTA ATRAVES DE DOSSIES (E RESISTENCIAS)

O ano de 2019 foi marcado por contínuos embates pela manutenção da autonomia do campo científico brasileiro, ferido pelas teses obscurantistas de setores do Estado que geraram (e geram) incertezas e descontinuidades em pesquisas das mais diferentes áreas, como a de História. Cortes de bolsas e manifestações públicas de autoridades ridicularizando trabalhos científicos de modo a hierarquiza-los entre “úteis” e “inúteis”, apenas demonstram um profundo desrespeito pelos saberes laboriosamente construídos ao longo de décadas nos meios acadêmicos, sendo a tônica de um ano que poderia ser considerado um dos piores para a Educação, Ciência e Tecnologia no país. Sem contar o contínuo desrespeito com o patrimônio histórico e cultural, relegado a um plano menor nas políticas de Estado, pautado pela falta de recursos e pelo esvaziamento de órgãos públicos capazes de gerir a herança patrimonial da sociedade brasileira.

Ainda assim, a comunidade acadêmica resiste. Uma das formas de fazer essa resistência é incentivar a manutenção de espaços de divulgação e de trocas de saberes científicos. O GT Acervos tem feito sua parte: o evento VII Dos Offícios de Clio – Patrimônio e Memória em Risco – Desafios do Século XXI, realizado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) entre 21 e 22 de outubro de 2019, foi um desses espaços, oportunizando conhecer novos trabalhos de graduandos e graduados nas áreas de História, Museologia e Educação.

Outro espaço é a revista Sillogés. Embora pareça pouco (ou pretenciosa), a publicação contribui, juntamente com muitas outras, para divulgação de pesquisas historiográficas relacionadas a acervos, memória e patrimônio, permitindo que sejam conhecidas por um amplo público acadêmico, que por sua vez, vem explorando nossas páginas desde o primeiro número em julho de 2018. A quantidade de artigos submetidos e a amplitude institucional dos autores que contribuem para o periódico são indicadores de nosso reconhecimento e crescimento, resultando na obtenção provisória do conceito A4 no Qualis/CAPES (2019).

Como já observamos em editoriais anteriores, uma das preocupações da Sillogés é propor dossiês temáticos que permitam explorar as possibilidades de pesquisa

envolvendo seus acervos. O volume atual é dedicado ao dossiê temático “História da Saúde: Instituições, Patrimônios e Acervos”, organizado pela profa. Dra. Ana Paula Korndörfer (Unisinós), Prof. Dr. Daniel Oliveira (Unisinós) e Profa. Dra. Marta Maria Lobo de Araújo (Universidade do Minho). Proposto pelo GT História da Saúde – ANPUH/RS, ele envolve pesquisas ligadas ao campo historiográfico da Saúde, da Medicina e das doenças. Os trabalhos que integram o dossiê vão desde as práticas populares de benzeduras até as transformações tecnológicas e culturais nos instrumentos médicos. Sem dúvida, o dossiê é uma excelente contribuição dos Grupos de Trabalhos ativos em nossa ANPUH/RS, já que oportuniza aos leitores conhecerem pesquisas, possibilitando revisitar fontes, concepções teórico-metodológicas e análises, disseminando o conhecimento gerado por seus integrantes e por colegas de diferentes instituições de ensino e pesquisa do país. O GT Acervos, através da Sillogés, mantém o convite para que Grupos de Trabalhos da ANPUH no Brasil possam colaborar com novas propostas de dossiês, dentro do enfoque de nossa publicação.

Por fim, o GT Acervos convida a todos interessados para participarem com trabalhos de pesquisa e resenhas para o dossiê **“Ditaduras de Segurança Nacional: arquivos, fontes e lugares de memória”** proposto pela Profa. Dra. Ananda Simões Fernandes (Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul) e Profa. Dra. Samantha Viz Quadrat (Universidade Federal Fluminense). Não deixa de ser relevante a proposta do dossiê, muito importante para refrear o “revisionismo” histórico praticado por grupos sociais brasileiros que visam enaltecer a Ditadura Civil-Militar (1964-1985), revelando seu pouco comprometimento com a Democracia. Mesmo com a notável mobilização da Comissão Nacional da Verdade (2011-2014), discutir a Ditadura ainda traz memórias incômodas, oriundas da falta de uma justiça de transição que dificultam a responsabilização dos envolvidos em práticas de vigilância, de perseguição e de tortura daqueles considerados “subversivos”. Para aqueles que desejam contribuir, os trabalhos podem ser enviados até o dia 10 de maio de 2020 através do sistema de submissão de nossa revista.

Boa leitura a todos!

Marcelo Vianna

Luciana da Costa de Oliveira

Cristiano Enrique de Brum

Editores Executivos Revista Sillogés